

## A CARNE ABERRANTE: CONFIGURAÇÕES DA MONSTRUOSIDADE EM “TOMIE”, DE JUNJI ITO

Alanis Zambrini Gonçalves<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho busca explorar como o conceito de monstruosidade figura no mangá “Tomie”, escrito por Junji Ito em 1987 e publicado no Brasil em 2021. Em primeira instância, apresenta-se uma introdução acerca do autor e da obra em questão, de modo a expor suas associações com a literatura, a cultura pop e as artes visuais de terror. Ademais, este trabalho analisará como a monstruosidade em Tomie é articulada à teratologia, ao mal moral e ao desejo, evidenciando sua relação com o contexto das visões do Japão acerca da sexualidade. Para tanto, utilizam-se as seguintes teorias para subsidiar a análise literária e histórica: a ideia de monstruosidade moral proposta por Michel Foucault, o conceito de abjeto trabalhado por Julia Kristeva e as teses da monstruosidade discutidas por Jeffrey Jerome Cohen. Ademais, as visões de Julio Jeha e de Noel Carröl serão utilizadas para discutir a monstruosidade, o desejo e o mal moral. Com isso, o presente trabalho pretende demonstrar como Tomie, a protagonista da obra, representa uma ambiguidade em relação à figura monstruosa: por um lado, seu corpo é extremamente belo, e a moralidade da moça é o que representa o seu perigo. Porém, o verdadeiro corpo de Tomie, com ramificações, distorções e partes aberrantes, traz consigo uma ideia de abjeção proposta na monstruosidade teratológica. Estas duas configurações são utilizadas de modo a causar no leitor um efeito também ambíguo: a fascinação por Tomie e, ao mesmo tempo, asco por ela (algo, inclusive, muito comum nas obras de Junji Ito). Deste modo, expõe-se como esta obra se relaciona com o contexto japonês de sua época para causar um efeito de terror e encantamento.

**Palavras-chave:** Tomie. Junji Ito. Monstruosidade.

Junji Ito é reconhecido amplamente por seus mangás de horror, caracterizados por cenas macabras de violência e por uma corporalidade distorcida que se torna memorável devido ao explícito aspecto de estranheza. Nascido em Gifu, em 1963, iniciou sua carreira como *mangaká* ao publicar, em 1987, o mangá “Tomie” de forma seriada na revista *Gekkan Halloween*, destinada a garotas adolescentes (gênero conhecido como *shoujo*). Esse trabalho lhe rendeu uma menção honrosa no Prêmio Kazuo Umezu.

A partir de então, Ito alcançou grande reconhecimento com suas obras de horror, entre as quais se destacam *Uzumaki*, *Gyo* e *The Junji Ito Horror Comic Collection*. Seus mangás vêm sendo traduzidos para o português recentemente por diversas editoras, como Darkside, Pipoca & Nanquim e Devir, embora traduções feitas por fãs já circulassem na internet há algum tempo. Além disso, várias de suas obras receberam adaptações em anime e em filmes,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bacharela em Estudos Literários e licenciada em Letras pela UNICAMP, onde também adquiriu o título de mestra em Teoria e História Literária. Possui pesquisas relacionadas à Literatura Gótica e à Literatura Inglesa. Contato: alanizambrini@hotmail.com. Esta pesquisa foi realizada com o auxílio do financiamento PROEX provido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

evidenciando o alcance de sua arte para outros tipos de mídia. Ademais, entre suas principais influências encontram-se autores e artistas como Kazuo Umezu, Shigeru Mizuki, Hideshi Hino, Shinichi Koga, Yasutaka Tsutsui, Edogawa Ranpo e H. P. Lovecraft, bem como os filmes de monstros da Universal e o teatro *Rakugo*.

Como mencionado anteriormente, seu mangá de estreia, *Tomie*, foi publicado de forma seriada em 1987 na revista *Gekkan Halloween*. No Brasil, a editora Pipoca e Nanquim traduziu a série para o português em dois volumes, lançados em 2021, os quais foram escolhidos para compor o *corpus* desta pesquisa. A história figura Tomie, uma menina extremamente bela, reconhecida por seus cabelos pretos e pela característica pinta abaixo do olho, que é morta por sua turma após um acidente e esquartejada, mas reaparece no dia seguinte na escola como se nada tivesse ocorrido.

A partir desse ponto, a narrativa apresenta uma série de capítulos que explicitam a monstrosidade da personagem. Tomie, uma espécie de garota zumbi, possui como principal habilidade a capacidade de enlouquecer os homens e submetê-los totalmente à sua vontade. Contudo, essa influência invariavelmente leva os próprios homens a um estado de perturbação extrema, no qual desejam matá-la e esquartejá-la.

Além disso, os pedaços do corpo de Tomie e seus constituintes corporais, como sangue e cabelo, são de particular interesse pelo caráter macabro que adquirem, já que uma nova Tomie sempre brota a partir deles. Esse surgimento ocorre de modo semelhante ao crescimento de uma planta ou à regeneração de uma planária: primeiro de forma distorcida, depois assumindo a aparência completa de um corpo belo e sedutor. Assim, a obra articula elementos de *body horror* e uma dinâmica de asco-desejo, explorando tanto a categoria da monstrosidade teratológica quanto a da monstrosidade moral.

## **Monstrosidade e desejo**

Neste sentido, é necessário compreender o que está imbuído no conceito de monstrosidade e como este termo pode ser articulado a diversas áreas do saber. Em latim, o termo “*monstrum*” designa um sinal divino e deriva de *monere*, verbo que significa “lembrar”, “trazer à mente”, “contar sobre”, “avisar”, “aconselhar”, “instruir” e “ensinar”

(Zanini, 2022, n. p.). Portanto, o monstro configura-se como uma criatura liminar, que patrulha as fronteiras entre o natural e o antinatural, marcando sua diferença em relação à cultura e ao meio do qual faz parte. Logo, ele configura uma transgressão das leis naturais e morais de certa sociedade, ao mesmo tempo em que demarca limites sociais. Como mencionado por Cohen (1996):

O monstro nasce apenas neste cruzamento metafórico, como uma encarnação de um certo momento cultural - de um tempo, de um sentimento e de um lugar. O corpo do monstro incorpora, literalmente, medo, desejo, ansiedade e fantasia (atarática ou incendiária), dando-lhes vida e uma independência assombrosa. O corpo monstruoso é pura cultura. Uma construção e uma projeção, o monstro existe apenas para ser lido: o monstrum é etimologicamente "aquilo que revela", "aquilo que adverte", um glifo que procura um hierofante. Como uma letra na página, o monstro significa algo além de si mesmo: é sempre um deslocamento, habita sempre a lacuna entre o tempo de convulsão que a criou e o momento em que ele é recebido, para nascer de novo (Cohen, 1996, p. 04, tradução própria).

Deste modo, vê-se que o monstro é fruto da cultura, sobretudo porque se origina de uma delimitação sobre o que é natural e moral em uma sociedade, significando o rompimento com tais regras. Assim, o monstro recusa classificações binárias, podendo violar simultaneamente as regras da ciência, do campo jurídico e do campo moral. Dessa forma, constitui uma entidade múltipla, cujo corpo reúne diversas esferas da cultura humana e dá vazão a outras maneiras de conceber o mundo, a natureza e a sociedade. Cohen (1996) evidencia o caráter transgressor do monstro, principalmente ao relacioná-lo à proibição e à cultura, já que o monstro seria um ser intrinsecamente cultural por meio de sua relação com as regras socioculturais que ditam os comportamentos humanos:

Cada monstro é desta forma uma narrativa dupla, duas histórias vivas: uma que descreve como o monstro veio a ser e outra, seu testemunho, detalhando a que uso cultural o monstro serve. O monstro da proibição existe para demarcar os laços que mantêm juntos esse sistema de relações que chamamos de cultura, para chamar a atenção horrível para as fronteiras que não podem - não devem - ser atravessadas (Cohen, 1996, p. 13, tradução própria).

Do mesmo modo, o pesquisador Julio Jeha (2007) discute a relação do monstro com o mal moral, isto é, com o desvio da ordem moral de forma livre e consciente. O pesquisador complementa a conceituação de Cohen (1996) ao afirmar que os monstros demarcam as fronteiras entre o condenável e o violador: "As fronteiras existem para manter medida e

ordem; qualquer transgressão desses limites causa desconforto e requer que retornemos o mundo ao estado que consideramos ser o certo” (Jeha, 2007, p. 07). A visão de Jeha acerca do monstro moral está em consonância com a teorização proposta por Foucault no que tange à diferença entre a monstruosidade teratológica (regida pela aparência desviante) e a monstruosidade moral (referente às transgressões morais):

[...] Vemos que se esboça uma mudança, que é de certo modo a autonomização de uma monstruosidade moral, de uma monstruosidade de comportamento que transpõe a velha categoria do monstro, do domínio da alteração somática e natural para o domínio da criminalidade pura e simples. A partir desse momento, vemos emergir uma espécie de domínio específico, que será o da criminalidade monstruosa ou da monstruosidade que tem seu ponto de efeito não na natureza e na desordem das espécies, mas no próprio comportamento (Foucault, 2001, pp. 91-92).

A partir disso, é necessário que consideremos como a monstruosidade possui uma relação intrínseca ao desejo. Isso acontece pois o monstro, ao encarnar a transgressão da moralidade, da natureza e das leis, faz com que as pessoas “comuns” tenham aversão a ele, mas ao mesmo tempo invejem sua liberdade de transitar entre as categorizações e ignorar as noções morais impostas pela sociedade. Assim, o monstro é desprezado ao mesmo tempo em que é desejado, gerando um sentimento paradoxal naquele que o contempla. Deste modo, o monstro é associado à violação das proibições, ou seja, ele dá vazão aos desejos inconscientes de transgressão dos códigos morais, personificando o desejo das pessoas de fazerem o mesmo. O monstro moral não teme punições, não sente remorso, nem tem escrúpulos sob qualquer ponto de vista, e isso é invejável, já que ele está aquém das leis humanas:

Os monstros [...] são repelentes porque violam categorias permanentes. Mas, pela mesma razão, eles também são atrativos de nossa atenção. Eles são atraentes, no sentido de que despertam interesse, e são a causa de, para muitos, uma atenção irresistível, novamente, só porque violam categorias permanentes. Eles são curiosidades. Podem despertar a atenção e a emoção pela mesma razão que perturbam, desconfiam e repugnam (Carrol, 2004, p. 188, tradução própria).

Porém, ao mesmo tempo que o monstro atrai, ele também nos enoja pelo mesmo motivo: já que nossa moralidade é questionada e posta à prova, experienciamos um sentimento de desgosto e desprezo. Com isso, o monstro transita pela categoria do abjeto, como teorizado por Júlia Kristeva (1982), em que se tem o sentimento de nojo frente à significação que o corpo (e o comportamento) abjeto representa, no meio dos limites entre

repulsão e atração. Logo, a abjeção, ou seja, esse sentimento de nojo e repulsa, serviria como meio de salvaguardar os códigos morais de certa cultura por meio do reconhecimento do “outro” como diferença. Assim, a monstruosidade abjeta traz consigo uma carga sociocultural, na medida em que o “outro” (o monstro) se diferencia por sua condição desviante, atraindo e repelindo aqueles que o veem: “As mesmas criaturas que aterrorizam e interditam podem evocar potentes fantasias escapistas; a relação da monstruosidade com o proibido torna o monstro ainda mais atrativo como uma saída temporária da restrição” (Cohen, 1996, p. 16, tradução própria).

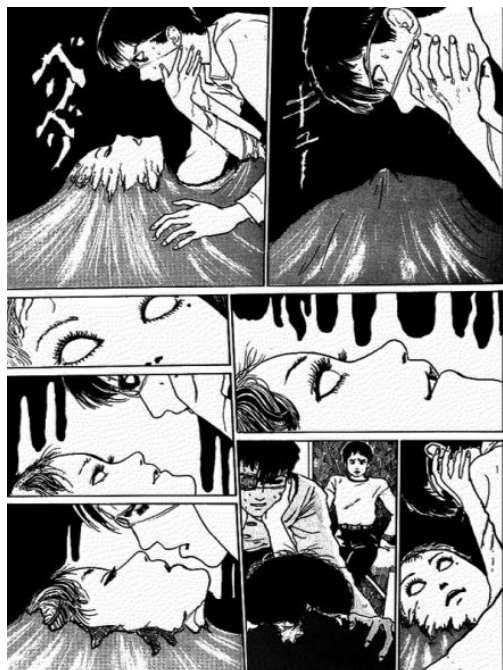
### **A monstruosidade em Tomie**

Em relação a Tomie, seu corpo é ao mesmo tempo um objeto de abjeção e de desejo. Seu corpo sem alterações é tido como extremamente belo: os homens se apaixonam por sua beleza e fazem tudo por ela, já que Tomie os controla como uma sereia. Enquanto isso, as mulheres concordam em como Tomie é bela e desejam ser como ela. Assim, Tomie exerce uma forte atração sobre todos, mas principalmente sobre o sexo masculino. Neste sentido, ela demonstra uma sedução inerente, não só por seu corpo desejável e belo, mas também por sua condição de transgressão contra a moralidade repressiva encontrada na tradição japonesa dos anos 80, sobretudo no que tange às expressões de sexualidade e às performances de gênero. Dessa maneira, ela atrai por não se deter em amarras sociais e morais, tendo liberdade de fazer o que está em seu bel-prazer, o que pode degradar aqueles que entram em seu caminho.

Entretanto, ao mesmo tempo, o corpo de Tomie configura-se como abjeto ao representar a violação do princípio de vida e de morte, contendo em si a classificação do cadáver, que ao ver de Kristeva é o maior tipo de abjeção: “O cadáver, visto sem Deus e fora da ciência, é o mais absoluto da abjeção. É a morte a infectar a vida. Abjeto. [...] Inquietação imaginária e ameaça real, atrainos e termina por engolfar-nos” (Kristeva, 1982, p. 04, tradução própria).

Logo, o corpo de Tomie engloba a classificação do cadáver, já que nos faz pensar sobre nossa própria condição de mortalidade, porém se encontra na condição de um morto-vivo,

estando aquém do limite que separa uma condição da outra. Neste sentido, ele é abjeto na medida em que se origina a partir do distúrbio da identidade, do sistema e da ordem, não respeitando regras, posições e fronteiras (Kristeva, 1982). Além disso, Kristeva teoriza sobre como somos atraídos ao que é abjeto, ao mesmo tempo em que compara essa categoria de abjeção à catarse poética, já que se tem uma liberação a partir da visão ou da experimentação daquilo que é abjeto. A atração do abjeto ocorre, por exemplo, em uma cena no capítulo que trata da relação perigosa de Tomie com Tsukiko Izumisawa, já que a última fotografou Tomie, fotos essas em que a aparência real de Tomie aparece, e espalhou as fotos pela escola. Para se vingar, Tomie pede que seus seguidores matem Tsukiko e seduz o menino que Izumisawa amava, chamado Yamazaki. Em um painel do mangá, Yamazaki é seduzido por uma Tomie que brotou de um tapete após a Tomie original ter sangrado neste objeto. Nesta cena, a moça monstruosa beija o rapaz voluptuosamente:



(Ito, 2021, p. 128)

Tal sequência de quadrinhos evidencia o caráter perigoso de Tomie. A personagem não só apresenta uma ameaça à vida das pessoas, mas também à sua moralidade, condição natural e visão de mundo, sociedade, sexualidade e liberdade. Ela traz consigo o questionamento da ordem ditada pela sociedade na categoria do que é considerado

aceitável. Da mesma forma, o corpo de Tomie pode ser considerado como abjeto ao incorporar o distúrbio da cultura e da identidade, tornando-se um símbolo de transgressão:

O que Bakhtin chama de "cultura oficial" pode transferir tudo o que é visto como indesejável em si mesmo para o corpo do monstro, realizando um drama próprio de realização de desejos; o monstro bode expiatório é talvez ritualmente destruído no curso de alguma narrativa oficial, purgando a comunidade ao eliminar seus pecados. A erradicação do monstro funciona como um exorcismo e, quando recontado e promulgado, como um catecismo (Cohen, 1996, p. 18, tradução própria).

Dessa maneira, poderíamos encarar a repetida morte e esquartejamento de Tomie como uma tentativa contínua de purgação da monstruosidade e da maldade existente no corpo abjeto e desejoso da moça. Porém, a destruição completa de Tomie nunca é possível, pois sempre haverá algum pedaço dela que irá brotar novamente, tornando a expurgação um objetivo vazio e inatingível. O corpo de Tomie pode ser queimado para que seja totalmente destruído, mas é possível ver pelas histórias do mangá que o mundo sempre será alvo de uma Tomie.

O corpo de Tomie também é uma transgressão das leis naturais por sua condição amorfa que a faz ser caracterizada como desejosa e abjeta ao mesmo tempo. Isso ocorre tanto por sua aparência quanto por sua liberdade sexual, esta última sendo encontrada durante toda a narrativa e permeando as relações de Tomie com homens. Em uma cena, evidencia-se essa ambiguidade existente no corpo de Tomie, já que a moça posa para um artista, que, ao tentar fazer quadros "normais" sobre ela, enlouquece. Por fim, ele consegue criar sua obra prima: uma pintura em que retrata a beleza "real" de Tomie, ou seja, o seu corpo abjeto e, ao mesmo tempo, sedutor. O pintor, inclusive, acredita que seu quadro mostrará a beleza da garota para todos. Porém, Tomie fica muito irritada com o quadro do pintor. Desde o capítulo dois, vê-se que a protagonista apresenta um sentimento de raiva quando alguém consegue capturar o seu lado abjeto, seja em um quadro ou em uma fotografia.



(Ito, 2021, p. 180)

Outra condição monstruosa de Tomie manifesta-se em seu canibalismo, já que, em dois momentos distintos, a personagem é apresentada consumindo carne humana. Na primeira cena, ela é mostrada devorando o tórax de um alpinista que estava sendo procurado por seu irmão após desaparecer misteriosamente. Na segunda cena, Tomie surge com o corpo deformado, presa entre rochas sob uma cachoeira depois que partes de seu corpo foram lançadas à água. Nesse local, todas as versões de Tomie alimentam-se regularmente dos corpos das pessoas que assassinam. Os quadrinhos que tornam explícita essa prática são profundamente macabros e representam um dos aspectos mais monstruosos da personagem, sobretudo porque o canibalismo é um tabu no Japão, tanto quanto no Ocidente.



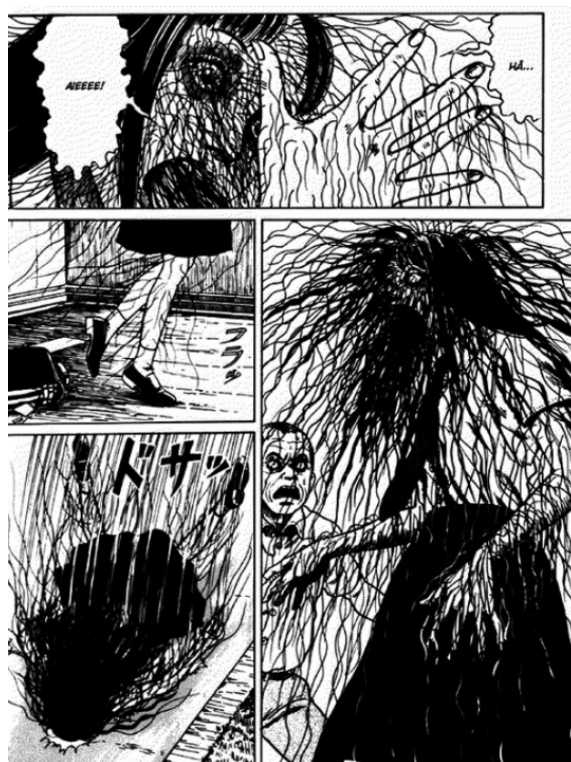
(Ito, 2021, p. 230)



(Ito, 2021, p. 249)

É ainda interessante a maneira como Tomie pode transmitir sua personalidade e sua aparência para outras pessoas. No episódio em que Yukiko recebe um rim transplantado, o órgão contaminado pela essência monstruosa faz com que a jovem se transforme em uma réplica exata do corpo desejoso de Tomie. Além disso, a personagem provoca delírios em uma menina cujo corpo entra em contato com seus fios de cabelo: ao ter o cabelo de Tomie colado

à pele, a adolescente passa a experimentar visões da própria Tomie, evidenciando que até mesmo um único fio é capaz de exalar monstruosidade e de transformar outra pessoa em um monstro. No instante em que a menina é encontrada com vários fios de cabelo aderidos ao rosto, ela vê Tomie em sua mente e lhe fala justamente de sua irresistível beleza. Logo após, a amiga desta menina, que havia conseguido transplantar o cabelo de Tomie para o seu próprio, acaba sendo consumida pelos cabelos da moça, o qual crescem até cobri-la totalmente.



(Ito, 2021, p. 265)

A simbologia do cabelo feminino no imaginário japonês reforça esse efeito perturbador, especialmente diante da crença antiga de que o cabelo poderia continuar a crescer após a morte. Assim, segundo Davisson (2015), os cabelos têm sido utilizados como um tropo de terror, abjeção e perturbação há centenas de anos no Japão: “Caetofobia é o nome técnico para o medo de cabelos longos e soltos. Embora o povo japonês não tenha sofrido inteiramente dessa fobia como nação, pode-se dizer que a natureza sobrenatural do cabelo feminino estava bem enraizada no público japonês” (Davisson, 2015, p. 47). Com isso, vê-se como Junji Ito faz uso de diversos elementos de terror já enraizados fortemente na

cultura japonesa, mas que, a partir de suas artes bizarras e únicas, acabam por ressoar ao público ocidental, garantindo seu reconhecimento global.

### **Considerações finais**

Em suma, esta pesquisa permitiu a observação da dualidade existente no corpo de Tomie, o qual simultaneamente exibe uma face desejosa e uma face abjeta. Suas ações reforçam essa duplicidade monstruosa, pois seu comportamento abertamente sexual e sua propensão ao assassinato evidenciam que Tomie é um monstro tanto por sua aparência, que transgride as leis naturais de vida e morte, quanto por sua conduta, associada ao mal moral que ela exerce à sua volta.

Dessa forma, evidencia-se que, ao longo da narrativa, há uma tentativa constante de expurgar a monstruosidade de Tomie. No entanto, Junji Ito demonstra que, independentemente do esforço de eliminação, sempre haverá uma Tomie à espreita, pronta para brotar novamente e seduzir mais homens. Com isso, a ameaça da sexualidade aberta e da antinaturalidade corporal continuam a permear a existência humana, algo que contribui para o efeito apavorante e aterrador da obra.

Portanto, verifica-se a ambiguidade monstruosa de Tomie, que em alguns momentos apresenta-se como teratológica e, em outros, como moral. Tal condição permite um intenso jogo de luzes e sombras: ao mesmo tempo em que Tomie é desejada, ela é tida como repelente. Sua condição desviante, deste modo, permite que a personagem possa cometer as mais diversas transgressões, porém, da mesma maneira, encoraja os demais personagens da obra (e mesmo o leitor) a enxergarem os limites morais ultrapassados por ela. Às vezes, essa visão apresenta-se tarde demais, culminando nos diversos conflitos e tragédias da narrativa. No entanto, os mesmos homens que são controlados pela beleza sobrenatural de Tomie são aqueles que buscam expurgar o mundo de tal monstruosidade, comprovando a dupla função do monstro: transgredir as regras naturais/sociais e, ao mesmo tempo, evidenciá-las.

### **Referências**

Carrol, Noël. *The Philosophy of Horror, or Paradoxes of the Heart*. London: Taylor & Francis, 2004.

Cohen, Jeffrey Jerome. Monster Culture. In: Cohen, Jeffrey Jerome. (org.). *Monster Theory: Reading Culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996, p. 03-25.

Davisson, Zack. *Yūrei – the Japanese ghost*. Seattle: Chin Music Press, 2015.

Foucault, Michel. *Os anormais: curso no collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

Jeha, Julio. Monstros como metáfora do mal. In: Jeha, Julio. (org.) *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMS, 2007. p. 09-31.

Ito, Junji. *Tomie Volume 1*. São Paulo: Pipoca e Nanquim, 2021.

Ito, Junji. *Tomie Volume 2*. São Paulo: Pipoca e Nanquim, 2021.

Kristeva, Julia. *Powers of horror: an essay on abjection*. New York: Columbia University Press, 1982.

ZANINI, Cláudio. “Monstro”. In: REIS, Carlos; ROAS, David; FURTADO, Filipe; GARCÍA, Flavio; FRANÇA, Júlio (Editores). *Dicionário Digital do Insólito Ficcional*. Rio de Janeiro: Dialogarts. Disponível em: <http://www.insolitificcional.uerj.br/m/monstro/>. Acessado em: 18/10/2022.

**Title:** The aberrant flesh: configurations of monstrosity in Junji Ito's “Tomie”

**Abstract:** This article explores how the concept of monstrosity appears in the manga “Tomie”, written by Junji Ito in 1987 and published in Brazil in 2021. Firstly, an introduction to the author and the work is presented, in order to expose their associations with literature, pop culture, and the visual arts of horror. Furthermore, this work analyzes how monstrosity in Tomie is articulated with teratology, moral evil, and desire, evidencing its connection with the context of Japan’s views on sexuality. For this purpose, the following theories are used to support the literary and historical analysis: the idea of moral monstrosity proposed by Michel Foucault, the concept of the abject developed by Julia Kristeva, and the theses of monstrosity discussed by Jeffrey Jerome Cohen. In addition, the views of Julio Jeha and Noel Carröl are used to discuss monstrosity, desire, and moral evil. Thus, this study intends to demonstrate how Tomie, the protagonist of this work, represents an ambiguity in relation to the monstrous figure: on one hand, her body is extremely beautiful, and it is her morality that represents her danger. However, Tomie's true body, with its ramifications, distortions, and aberrant parts, conveys an idea of abjection proposed in teratological monstrosity. These two configurations are used to cause an ambiguous effect on the reader: fascination with Tomie and, at the same time, disgust for her (something very common in Junji Ito's works). In this way, it is possible to observe how this work relates to the Japanese context of its time to cause an effect of terror and bewitchment.

**Keywords:** Tomie. Junji Ito. Monstrosity.